

**NOVAS VISIBILIDADES DO FEMININO: LESBIANISMO, HISTÓRIA E CANTADAS NA  
MÚSICA POPULA BRASILEIRA**

Karlla Danielle Cantalice da Trindade

PIBIC/UEPB

Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

UEPB

Este trabalho intenciona cartografar os campos de possibilidade histórica das representações culturais produzidas sobre as relações homoafetivas das mulheres na música popular brasileira, considerando a relação estabelecida entre suas diversas produções discursivas e a luta pela promoção da cidadania e pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais presentes a partir da segunda metade do século XX.

Um dos resultados mais significativos dessa pesquisa se refere a uma nova compreensão sobre a história do Brasil e de como a presença dessas cantoras e intérpretes contribuíram para a diminuição da homofobia, pois ao tornarem suas vidas espaços de divulgação de maneiras de amar, ajudaram a criar o respeito pelo outro, pois a legitimidade de algumas dessas cantoras são tomadas de empréstimos pela comunidade LGBT, bem como por milhares de meninas e de mulheres que as tomam como exemplos de vida e de dignidade humana.

Quando em 1969, Maria Bethânia canta “Preconceito”, da dupla Fernando Lobo e Antônio Maria, cria uma ruptura sem igual na sociedade hetero-normativa (BUTLER, 2003), bem como nos marginalizados por essa sociedade:

Por que você me olha com esses olhos de loucura?  
Por que você diz meu nome? Por que você me procura?  
Se as nossas vidas juntas vão ter sempre um triste fim  
Se existe um preconceito muito forte  
separando você de mim (MARIA BETHÂNIA, EMI/Odeon, 1969).

A enunciação do preconceito, nesta historicidade, associada a uma cantora, que era constantemente interpelada sobre sua (homo)sexualidade, cria fissuras na cultura brasileira. Significada como uma das maiores representantes da cultura do desbunde e da contracultura, reconhecidamente irmã de um dos propositores do Movimento Tropicalista, Maria Bethânia se torna um ícone da contracultura. Uma década depois de postular um “triste fim”, canta “Mei”, que

se constituiu historicamente como o “hino lésbico”, sendo considerada por muito anos como a “rainha”:

Ó abelha rainha faz de mim  
Um instrumento de teu prazer  
Sim, e de tua glória  
Pois se é noite de completa escuridão  
Provo do favo de teu mel  
Cavo a direita claridade do céu  
E agarro o sol com a mão  
É meio-dia, é meia-noite, é toda hora  
Lambe olhos, torce cabelos, feiticeira vamo-nos embora  
É meio-dia, é meia-noite, faz zumzum na testa  
Na janela, na fresta da telha  
Pela escada, pela porta, pela estrada toda a fora  
Anima de vida o seio da floresta  
O amor empresta a praia deserta zumbe na orelha, concha do mar  
Ó abelha, boca de mel, carmin, carnuda, vermelha  
Ó abelha rainha faz de mim um instrumento do seu prazer  
(MARIA BETHÂNIA, Universal Music, 1979)

Contudo, essa década passada entre a música “Preconceito” e “Mel”, não foi vazia de produções também significativas de outras cantoras. Gal Costa, em 1973, já dizia: “Índia da pele morena sua boca pequena eu quero beijar”. Gal Costa e Maria Bethânia não ousaram apenas quando fizeram de músicas reconhecidamente masculinas uma nova arte de falar sobre o amor, ousaram também na nudez de seus corpos, na forma como eles interagem nos palcos, causando furor na cena cultural carioca. Um dos registros dessa bela parceira é na música “Esotérico”, do compositor e amigo Gilberto Gil, quando ao cantarem “não adianta nem me abandonar”, com roupas diáfanas, se aproximam, e sem desgrudar os olhos, fazem “amor” no palco – como anunciou a imprensa de época.

Quatro anos depois, Gal surge com outra música, de autoria de Caetano Veloso, que mobiliza o imaginário homoerótico feminino, posteriormente, também, regravada por Maria Bethânia:

Uma tigresa de unhas negras e íris cor de mel  
Uma mulher, uma beleza que me aconteceu  
Esfregando a pele de ouro marrom  
Do seu corpo contra o meu  
Me falou que o mal é bom e o bem cruel

Enquanto os pelos dessa deusa tremem ao vento ateu  
Ela me conta sem certeza tudo o que viveu  
Que gostava de política em mil novecentos e sessenta e seis  
E hoje dança no Frenetic Dancin’ Days

Ela me conta que era atriz e trabalhou no Hair  
Com alguns homens foi feliz com outros foi mulher  
Que tem muito ódio no coração, que tem dado muito amor  
E espalhado muito prazer e muita dor

Mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar  
Porque ela vai ser o que quis inventando um lugar  
Onde a gente e a natureza feliz, vivam sempre em comunhão  
E a tigresa possa mais do que o leão

As garras da felina me marcaram o coração  
Mas as besteiras de menina que ela disse não  
E eu corri pra o violão num lamento  
E a manhã nasceu azul  
Como é bom poder tocar um instrumento  
(GAL COSTA, Philips, 1977).

Essa tigresa, que fez parte de Hair, espetáculo da contracultura, e gostava de política em “mil novecentos e noventa e seis”, foi uma canção marco, pois grande parte do debate de época fazia uma cisão entre os grupos jovens: desbundados x guerrilheiros. Tidas como baianas cabeludas e desbundadas, Maria Bethânia e Gal Costa abriram espaço para outras cantoras, também ousadas.

Zezé Motta, na música “Muito prazer Zezé”, de autoria de Rita Lee e Roberto de Carvalho, já brincava com o silêncio:

Muito prazer eu sou zezé  
Mas você pode me chamar como quiser  
Eu tenho fama de ser maluquete  
Ninguém me engana nem joga confete  
Ma pra quem gosta de amar e segredo  
Eu sou um prato cheio  
Eu quero dar uma colher  
Eu sou zezé da terra do sol  
Da lua de mel  
Da cor do café  
(ZEZÉ MOTTA, Atlantic/WEA, 1978).

Um ano depois, Zizi Possi, cantava uma música de Moraes Moreira, falando do seu amor proibido:

O amor que não nega, nega, nega, nega...  
Meu sonho é fruto proibido  
Meu sonho é fruto proibido  
Tido como loucura  
Brinquedo, promessa, jura, segredo,  
Conversa de amor  
(ZIZI POSSI, Philips, 1979).

Por mais que algumas das letras de músicas cantadas por elas falassem em segredo, o interdito em torno do “amor que não ousa dizer seu nome” começava a ser professado. Contudo, foi a partir da década de 1980, que se instituiu uma sistemática mais incisiva de músicas que quebravam com os segredos, que revelavam novas artes de amar – era a chamada emergência da “entendida” (DEL PRIORE, 2005).

A “entendida” era a nova representação cultural criada para as mulheres que se relacionavam eroticamente com outras mulheres. Mais concentradas nos centros urbanos, a entendida era a freqüentadora dos bares e das praias cariocas, bem como dos salões e das boites noturnas de várias outras cidades. Moderna, destemida, falante, a entendida surge no contexto de Malu Mulher, que produzia também uma importante representação sobre a mulher

moderna. Não necessariamente militante, ativista da causa gay, a entendida procurava referências para o seu modo de viver.

Em meio a esse contexto, explode nas rádios e nas paradas de sucessos, a música de uma “menina” recém rechegada de Nova York, que cantava “Nosso estranho amor” de autoria de Caetano Veloso:

Não quero sugar  
Todo seu leite  
Nem quero você enfeite  
Do meu ser  
Apenas te peço  
Que respeite  
O meu louco querer...

Não importa com quem  
Você se deite  
Que você se deleite  
Seja com quem for  
Apenas te peço que aceite  
O meu estranho amor...

Oh! Mainha!  
Deixa o ciúme chegar  
Deixa o ciúme passar  
E sigamos juntos...

Oh! Neguinha!  
Deixa eu gostar de você  
Prá lá do meu coração  
Não me diga nunca não...

Seu corpo combina  
Com meu jeito  
Nós dois fomos feitos  
Muito prá nós dois  
Não valem dramáticos efeitos  
Mas o que está depois...

Não vamos fuçar  
Nossos defeitos  
Cravar sobre o peito  
As unhas do rancor  
Lutemos, mas só pelo direito  
Ao nosso estranho amor...

A irreverência dessa música, muito marcada pelo estilo moderno e contemporâneo de Caetano, foi um outro importante marco na música popular brasileira que tematiza os amores marginais. O impacto foi tão forte que o “estranho amor” fez de Marina Lima um sucesso nacional. Representa como garota “descolada”, figurou ao lado de outras cantoras já consagradas pelo público e pela crítica no especial criado pela TV Globo, Mulher 80.

A década de 80 já vivenciava a realidade da cultura de massa. Politicamente, o Brasil passava por um processo de redemocratização, pois a Ditadura Militar já estava anunciando seus

últimos dias e, conseqüentemente, a censura em torno das músicas não era mais tão rígida como na década anterior.

O eu-lírico masculino ainda era muito utilizado como recurso para algumas cantoras, mas na década de 80 a cultura unissex já era anunciada pela mídia, pelos salões de beleza, pelas propagandas de jeans. Foi o momento em que se consolidou uma tradição na música popular de cantar os amores sáfcicos:

Ela me olha  
e já subo nas paredes  
Se ela me chama,  
eu sou peixe na rede  
É uma coisa assim tão louca,  
Me deixa água na boca  
Ela desfaz o que eu faço  
e disponho  
Ela refaz o roteiro  
do meu sonho  
É uma coisa assim tão louca,  
Me deixa água na boca  
(SIMONE, CBS, 1985).

Essa música de Simone rompe de vez com os “antigos pudores”. As mulheres passam a falar de si, mas passam a falar mais ainda de sua própria sexualidade, quebrando com o sistema hetero-normativo da família nuclear burguesa. A irreverência constante de algumas das músicas cria uma tradição muito peculiar na MPB.

Talvez seja com Angela Rô Rô que a irreverência se corporifique não apenas por aquilo que se é cantado, como também por um estilo de vida que passa a ser publicizado a partir desse lugar. Em “Cheirando a amor”, Ângela diz já ter posto de lado um mundo atento a não perdoar:

Já pus de lado o tormento  
De um mundo atento a não perdoar  
Amantes sem fingimentos  
Delirantes formas de amar  
Quero cheirar a amor  
Quero exalar suor  
Pro dia que você for  
Ficar com seu melhor  
Amor apertado  
Trancada com medo da rua  
Se isso é pecado me puna  
A culpa de amar livre e nua  
Que preconceito barato  
Que o cão caça o gato  
Me morde e me desafia  
Só meu olhar te arrepiá

A vontade de amar livremente não é uma particularidade apenas da música. Não dá pra desconsiderar também a produção cinemática que já expunha corpos em ação, corpos em chamas. Uma cena antológica desse período foi o orgasmo protagonizado pela atriz americana

Meg Ryan, no filme Harry e Sally, do diretor Rob Reiner. Inesquecível também foi a imagem dos corpos adolescentes e nus dos personagens da versão cinematográfica de Lagoa Azul, filme que transformou Brooke Shiels em musa da época.

Duas canções de Chico Buarque, uma delas em parceria com Ruy Guerra, foram também consagradas na década de 80: “Bárbara” e “Mar e Lua”. Inicialmente compostas para o teatro, viraram *hits* dos amores entre mulheres:

Bárbara, Bárbara  
Nunca é tarde, nunca é demais  
Onde estou, onde estás  
Meu amor, vem me buscar  
O meu destino é caminhar assim desesperada e nua  
Sabendo que no fim da noite serei tua  
Deixa eu te proteger do mal, dos medos e da chuva  
Acumulando de prazeres teu leito de viúva  
Bárbara, Bárbara  
Nunca é tarde, nunca é demais  
Onde estou, onde estás  
Meu amor vem me buscar  
Vamos ceder enfim à tentação das nossas bocas cruas  
E mergulhar no poço escuro de nós duas  
Vamos viver agonizando uma paixão vadia  
Maravilhosa e transbordante, feito uma hemorragia  
Bárbara, Bárbara  
Nunca é tarde, nunca é demais  
Onde estou, onde estás  
Meu amor vem me buscar

[...]

Amaram  
O amor urgente  
As bocas salgadas  
Pela maresia  
As costas lanhadas  
Pela tempestade  
Naquela cidade  
Distante do mar

Amaram o amor serenado  
Das noturnas praias  
Levantavam as saias  
E se enluaravam  
De felicidade  
Naquela cidade  
Que não tem luar

Amavam  
O amor proibido  
Pois hoje é sabido  
Todo mundo conta  
Que uma andava tonta  
Grávida de lua  
E outra andava nua  
Ávida de mar

E foram  
Ficando marcadas  
Ouvindo risadas,  
Sentindo arrepios  
Olhando pro rio  
Tão cheio de lua  
E que continua  
Correndo pro mar

E foram  
Correnteza abaixo  
Rolando no leito  
Engolindo água  
Boiando com as algas  
Arrastando folhas  
Carregando flores  
E a se desmanchar

E foram  
Virando peixes  
Virando conchas  
Virando seixos  
Virando areia  
Prateada areia  
Com lua cheia  
E à beira-mar

Essas duas músicas foram interpretadas por muitas das cantoras tratadas nessa pesquisa. São músicas-signos, signos não só de uma geração, mas de uma nova tradição musical – aquela que ousa romper os padrões e que a partir dessa ruptura constrói uma crítica ao social. Talvez por isso elas tenham sido sempre regravadas. Já na década de 90, Maria Bethânia grava novamente “Mar e Lua”, criando furor no seu show.

“As meninas” queriam brincar de amar, como diz Marina Lima. E uma de suas brincadeiras, era a de criar novas subjetividades:

Sei que você fez os seus castelos  
E sonhou ser salva do dragão  
Desilusão meu bem  
Quando acordou, estava sem  
ninguém...

Sozinha no silêncio do seu quarto  
Procura a espada do seu salvador  
E no sonho se desespera  
Jamais vai poder livrar você da  
fera da solidão..

Com a força do meu canto  
Esquento o seu quarto prá secar  
Seu pranto  
Aumenta o radio  
Me dê a mão..

Você precisa é de um homem  
Prá chamar de seu  
Mesmo que esse homem seja eu...

Um homem pra chamar de seu  
mesmo que seja eu...  
(MARINA LIMA, Polygram (Universal), 1985).

Marina Lima, tida como uma das cantoras de rock and roll, aliava atitude com as composições realizadas em parceria com seu irmão e poeta, Antônio Cícero. Surfista, roqueira, moderna, Marina falava de sexo de uma maneira leve, própria da geração que se firmou nesse período. Na música “Difícil”, de 1985, vai falar de como o sexo é bom, narrando a história de uma

paquera com uma menina, fazendo trejeitos na música, como a simular pequenos delitos: “Mas paixão e gozo/ se sabe isso vicia / Aí garota, eu gosto assim/ Difícil! Oh!...

Essa foi um período muito importante para o que se veio a consolidar depois, na década de 90, pois ainda em fins da década de 70, dois acontecimentos-chaves são tratados por esses autores: a realização de um debate público, em fevereiro de 1979, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, e a criação e dissolução do grupo *Somos* – Grupo de Afirmação Homossexual, o primeiro grupo de homossexuais organizados, bem como a criação do *Jornal Lampião da Esquina*, voltado para matérias das chamadas minorias. Não que haja uma correspondência direta entre o ativismo LGBT, como é falado na contemporaneidade, com a produção musical de fins de 1970 e 1980, mas de qualquer maneira, tanto os grupos ativistas, como as cantoras já tinham criado mecanismos sociais que tornavam visíveis os seus trabalhos.

Contudo, é na década de 1990 e os primeiros anos do século XXI, que temos uma outra mudança em relação a produção musical veiculada pelas cantoras associadas pela mídia ao lesbianismo, pois com o advento da cultura eletrônica (internet), a criação de um mercado de consumo específico para a comunidades LGBT, bem como a criação de selos editoriais voltados para a produção de uma literatura gls (ver Edições GLS, da Summus), e a produção de personagens lésbicos nas novelas da Rede Globo, que implode na MPB uma nova geração de cantoras que desconstroem os lugares convencionados de gênero para as mulheres, como Ana Carolina, Adriana Calcanhoto, Zélia Duncan, Isabela Tavianni, entre outras.

A esse contexto é também importante considerar que a mobilização em torno da cidadania e da emancipação dos lugares de gênero saiu do espaço do “gueto” e passou a ser tema de debate na sociedade civil, a exemplo do debate a cerca da regulamentação jurídica da parceria civil e da adoção. O Governo Federal lança, ainda, o Programa Brasil sem Homofobia, financiando muitos projetos que discutem Direitos Humanos. Uma outra visibilidade que temos na sociedade brasileira é a das passeatas do Orgulho Gay, que na sua última manifestação conseguiu congrega mais de uma milhão de pessoas, se tornando a segunda passeata gay do mundo.

E são também nessas passeatas, com seus trios elétricos, que muitas dessas cantoras exercem outras práticas políticas. Não raro, elas cantam em cima dos trios, animando a festa. Marina Lima é uma das mais assíduas.

Nessa nova geração de cantoras que despontam na década de 90, temos o exemplo de duas delas, que retiraram completamente o recurso do eu-lírico masculino e investiram na cultura da confissão (NÓBREGA, 2008): Ana Carolina e Zélia Duncan.



Quer me revelar  
Unhas roídas  
Ausências, visitas  
Cores na sala de estar...

O que eu procuro  
O que eu rejeito  
O que eu nunca vou recusar  
Tudo em mim quer me revelar...

Tudo em mim!  
Quer me revelar  
Meu grito, meu beijo  
Meu jeito de desejar  
O que me preocupa  
O que me ajuda  
O que eu escolho prá amar  
Quando amanheço  
Quando me esqueço  
Quando morro de medo do mar  
Ah! Ah!...

(ZÉLIA DUNCAN, Universal Music, 2001).

A problemática da revelação passa a fazer parte da trajetória dessas duas cantoras. Revelar o desejo e a forma também de dar vazão a esse desejo, a esse exemplo, as unhas curtas, uma das linguagens de identificação entre as lésbicas. Já Ana Carolina, na sua música “Vox Populi”, “quando diz que o povo fala, que o povo fala mesmo”, decidi ela mesma falar:

Vou te contar o que me faz andar  
Se não é por mulher não saio nem do lugar  
Eu já não tento nem disfarçar  
Se tudo em que me meto é só para impressionar

[...]  
Mulher eu já provei  
Eu sei que é bom demais  
Agora o resto eu não sei  
Sei que não vou mudar,talvez...  
Sei que não vou nem tentar

Desculpe esse meu defeito  
Eu digo que não é nem preconceito  
Eu tenho amigo homem  
Eu tenho amigo gay

Já fui mulher eu sei, já fui mulher eu seeei...

Essa música, de autoria de Roger Rocha Moreira, vocalista da banda Ultraje a Rigor, é completamente reinventada na voz de Ana Carolina, pois se antes ela tinha um teor machista, passa a figurar como uma das músicas-bandeira do amor entre mulheres. É Ana Carolina que vai implodir com esse lugares identitários sexuais, bem como os de gênero. Em outra música, agora de sua autoria, Ana Carolina produz uma outra confissão:

Eu gosto de homens e de mulheres  
E você o que prefere?  
E você o que prefere?  
Eu gosto de homens e de mulheres

E você o que prefere?  
E você o que prefere?  
(ANA CAROLINA, Sony&BMG, 2007).

E essas confissões são também associadas a uma outra prática, que é a de denunciar. Zélia Duncan elaborou uma música muito específica nesse sentido:

Os imorais  
Falamos de nós  
Do nosso gosto  
Nosso encontro  
Da nossa voz

Os imorais  
se chocam  
por nós  
Por nosso brilho  
Nosso estilo  
Nossos lençóis

Mas um dia, eu sei  
A casa cai  
E então  
A moral da história  
Vai estar sempre na glória  
De fazermos o que nos satisfaz

Portanto, imoral é aquele que interdita o amor, que interdita aquele que satisfaz. Essa é uma inversão muito contundente do modelo burguês nuclear, pois ao invés do investimento da idéia de família patriarcal, essa tradição musical não só implode com o silêncio de algumas práticas de amar que eram interditas na sociedade, como requisitam novos direitos, direitos que atuam no campo político do desejo.

E essa nova enunciação do desejo não desconsidera o já produzido, o já consagrado. A versão dada por Adriana Calcanhotto a uma música do Rei Roberto Carlos é sintomática dessa prática, quando ela canta “Caminhoneiro”, música que romantiza os beijos de uma mulher e a sua memória. Calcanhotto, inclusive, vai ser outro marco importante nessa produção cultural, pois suas músicas passam a ser tema das personagens lésbicas que aparecem nas produções globais. “Vambora” foi um sucesso retumbante nas rádios brasileiras e até as crianças acompanhavam o seu refrão.

O nosso terceiro marco nessa tradição musical não deixou de lado as suas pioneiras. Maria Bethânia, Gal Costa, Simone, Joana, etc, continuam a fazer sucesso e a marcar, de uma maneira muito pessoal, essa experiência histórica. No seu álbum “A falta que você me faz”, Maria Bethânia vai associar músicas antigas, com essa nova postura, e faz uma das mais belas interpretações de sua carreira:

Se você quer ser minha namorada

Ah, que linda namorada  
Você poderia ser, se quiser ser  
Somente minha, exatamente essa coisinha  
Essa coisa toda minha  
Que ninguém mais pode ser...  
Você tem que me fazer um juramento  
De só ter um pensamento:  
Ser só minha até morrer...  
E também de não perder esse jeitinho  
De falar devagarinho  
Essas histórias de você  
E de repente me fazer muito carinho  
E chorar bem de mansinho  
Sem ninguém saber porque...  
Mas se invés de minha namorada  
Você quer ser minha amada  
Minha, amada, mais amada pra valer  
Aquela amada pelo amor predestinada  
Sem a qual a vida é nada  
Sem a qual se quer morrer  
Você ter de vir comigo em meu caminho  
E talvez o meu caminho  
Seja triste pra você...  
Os seus olhos têm que ser só dos meus olhos  
Os seus braços o meu ninho  
No silêncio de depois  
E você tem que ser a estrela derradeira  
Minha amiga e companheira  
No infinito de nós dois  
(MARIA BETHÂNIA, BISCOITO FINO, 2005).

“Minha namorada”, de autoria de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra, que foi feita na intenção de cristalizar o sentido de posse do corpo feminino pelo masculino, é completamente ressignificada pela performance de Maria Bethânia, que no *making off* do seu DVD, diz que Vinícius não queria ser machista, apenas tinha um excelente humor – o que muitas das críticas feministas discordam.

Maria Bethânia cantou muitas das músicas de Vinícius de Moraes, dedicando um álbum apenas com letras suas, que era notoriamente um grande amante das mulheres, apesar de algumas peças machistas e preconceituosas. Mas foi cantando as músicas mais contemporâneas pós-década de 90, que Maria Bethânia torna mais explícita algumas de suas marcas. Criada por Ana Carolina e Jorge Vercillo para Maria Bethânia, a música “Eu não sei quase nada do mar”,

Garimpeira da beleza te achei na beira de você me achar  
Me agarra na cintura, me segura e jura que não vai soltar  
E vem me bebendo toda, me deixando tonta de tanto prazer  
Navegando nos meus seios, mar partindo ao meio, não vou esquecer.  
Eu que não sei quase nada do mar descobri que não sei nada de mim  
Clara noite rara nos levando além da arrebentação  
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão  
Clara noite rara nos levando além da arrebentação  
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão  
Me agarrei em seus cabelos, sua boca quente pra não me afogar  
Tua língua correnteza lambe minhas pernas como faz o mar  
E vem me bebendo toda me deixando tonta de tanto prazer  
Navegando nos meus seios, mar partindo ao meio, não vou esquecer  
Eu que não sei quase nada do mar descobri que não sei nada de mim

Clara noite rara nos levando além da arrebenção  
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão  
Clara noite rara nos levando além da arrebenção  
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão

Essa “garimpeira da beleza” que “navega nos seios”, a “bebendo toda” e “deixando tonta de tanto prazer” que não tem mais medo de saber, de viver e de amar, consolida uma das mais belas e fortes músicas sobre as histórias das mulheres e dos seus amores. Dificilmente alguns intelectuais vão poder dizer que não existem produções sobre as mulheres, sobre suas formas de amar, como também dificilmente eles vão poder ignorar as formas de solidariedade entre essas cantoras, que ofertam músicas e ofertam carinhos. Não raro, uma mesma música é cantada por mais de uma cantora, numa mesma historicidade.

Um exemplo disso é a música “Três”, de autoria de Marina Lima e Antônio Cícero, gravada por Marina, Adriana Calcanhotto e Ana Carolina:

Um  
Foi grande o meu amor  
Não sei o que me deu  
Quem inventou fui eu  
Fiz de você o Sol  
Da noite primordial  
E o mundo fora nós  
Se resumia a tédio e pó  
Quando em você tudo se complicou

Dois  
Se você quer amar  
Não basta um só amor  
Não sei como explicar  
Um só sempre é demais  
Pra seres como nós  
Sujeitos a jogar  
As fichas todas de uma vez  
Sem temer, naufragar

Não há lugar pra lamúrias  
Essas não caem bem  
Não há lugar pra calunias  
Mas por que não  
Nos reinventar

Três  
Eu quero tudo que há  
O mundo e seu amor  
Não quero ter que optar  
Quero poder partir  
Quero poder ficar  
Poder fantasiar  
Sem nexo e em qualquer lugar  
Com seu sexo junto ao mar..

“Elas querem tudo que há”: o mundo e o seu amor!!! E porque não, reinventar???

Essas são algumas das construções culturais produzidas por essa geração de cantoras e intérpretes que a partir da sua arte violaram o silêncio opressor de uma visibilidade feminina,

reinventado imagens, sons, requebros, na produção de uma sonoridade lesbiana, composta por imagens de amor e de solidariedade.